

8. As Irmãs-Esposas

Quando escreveu a primeira *Legenda de São Francisco*, Tomás de Celano destacou entre as qualidades das “Senhoras Pobres” de São Damião o fato de viverem todas como *esposas de Jesus*:

“...Em terceiro lugar, o lírio da virgindade e da pureza perfuma-as todas, a ponto de esquecerem os pensamentos terrenos e desejarem apenas meditar nos celestiais. Essa fragrância *acende em seus corações tão grande amor pelo Esposo eterno*, que a plenitude desse sagrado afeto apaga toda lembrança da vida passada...” (1Cel 19).

O Papa Inocêncio também as via como Esposas de Jesus ¹, porque escreveu no seu Privilégio da Pobreza o seguinte:

“Como é manifesto, desejando ardentemente dedicar-vos unicamente ao Senhor, abdicastes ao desejo das coisas temporais; por isso, tendo vendido e distribuído tudo aos pobres, proponde-vos a não ter absolutamente nenhuma propriedade, aderindo totalmente aos vestígios daquele que por nós se fez pobre, caminho, verdade e vida; e desse propósito não as faz fugir nem a privação das coisas; pois *a esquerda do esposo celeste está sob a vossa cabeça para sustentar a fraqueza de vosso corpo, que submetestes à lei do espírito em caridade perfeita*. Afinal, aquele que dá de comer às aves do céu e veste os lírios do campo não vos há de faltar tanto para a alimentação como para a roupa, até que, passando, não vos venha servir na eternidade, quando sua destra vos abraçará mais felizmente na plenitude de sua visão” (PrivIn 2-3).

Gregório IX, ao conceder o seu Privilégio da Pobreza insistiu na mesma alusão ao Cântico dos Cânticos:

“Naturalmente, aquele que alimenta os passarinhos do céu e veste os lírios do campo não vos faltará para o alimento e a roupa, até que Ele mesmo, passando, vos sirva na eternidade, *quando sua destra vos abraçará mais felizmente na plenitude da visão*” (PrivH 1).

Depois da morte de Santa Clara, também o ministro geral São Boaventura, escrevendo às Clarissas, viu-as como Esposas de Jesus:

“Vigiai de tal maneira, com afetos incessantes, fervorosas no espírito da devoção, que, *quando se ouvir o clamor e chegar o Esposo, possais ir fielmente ao seu encontro com as lâmpadas cheias do óleo do amor e da alegria, prontas para entrar com ele nas bodas da felicidade eterna*, com exclusão das virgens loucas. Lá Cristo vai acomodar suas esposas com os anjos e os eleitos, e *passará para servir-lhes o pão da vida, a carne do Cordeiro imolado, o peixe assado na cruz, cozido no fogo do amor em que vos amou fervorosamente*” (BoCe 5).

Aliás, é notável o Doutor da Igreja dizer que Jesus vai servir às suas esposas “o peixe assado na cruz”, numa evidente alusão à lenda do Rei Pescador, que faz parte do ciclo do Santo Graal. Mas foi São Francisco quem explicou, de maneira bem original e no que para ele era o cerne da vida franciscana, o que é sermos esposos:

“Somos esposos, quando pelo Espírito Santo une-se a alma fiel a nosso Senhor Jesus Cristo” (1CtFi 8).

E é a essa luz que devemos entender a *Forma de Vida* que ele deu a Clara e suas Irmãs logo que elas entraram na Ordem:

“Desde que por inspiração divina vos fizestes filhas e servas do Altíssimo Sumo Rei Pai celeste *e desposastes o Espírito Santo*, optando por uma vida de acordo com a perfeição do santo Evangelho,

¹ Chamo a atenção para um fato importante, que não poderei tratar melhor aqui por falta de espaço para comparar os textos: De maneira geral, os papas e alguns outros escritores parecem entender que as Irmãs eram “noivas” de Jesus, que só passariam a ser “esposas” na vida eterna. Ao contrário, Clara parece falar sempre de esposas já neste mundo. Observo que a palavra latina “sponsa”, que deu a nossa palavra “esposa” = a mulher casada, em latim significava apenas a “comprometida”, ou a noiva. A mulher casada era chamada “uxor” pelos romanos. Era a “ungidora”, que no cerimônia do casamento ungia a soleira da porta da casa onde seria sacerdotisa. Dessa palavra só sobrou em português a palavra “uxoricídio”, o crime de quem mata a esposa. Em grego, noiva é claramente “nynfe”, enquanto esposa podia ser “gyné” (mulher) a companheira do “anér” (varão), ou “ákoitis”, a companheira do “akóites”. Essas duas últimas palavras lembram os que dormiam juntos na “kóite”, a cama.

eu quero e prometo, por mim mesmo e por meus frades, ter por vós o mesmo cuidado diligente e uma solicitude especial, como por eles” (RSC 6,4-6).

O fato de as damianitas viverem como esposas de Cristo é mais significativo do que pode parecer a uma primeira vista. O amor de Clara pelo Cristo Esposo levou-a a criar um “grupo de virgens” (*collegium virginum*, dizem as Fontes) original em comparação com outros mosteiros. Elas eram irmãs de uma maneira nova. Por isso, e por serem franciscanas e pobres, elas sempre relutaram em aceitar as Regras religiosas de Hugolino e de Inocêncio IV, ainda que – depois da morte de Clara – a maior parte dos mosteiros tivesse por fim aceitado a de Alexandre IV até o século XX. Depois de muitos esforços e de algumas pequenas vitórias, chegaram a abraçar, em nosso tempo, a Regra de Santa Clara.

Vamos desenvolver três pontos sobre as Irmãs-Esposas: a). Como é a sua vida entre irmãs; b). Qual a sua contribuição para a Igreja; c) sentido especial de sua clausura.

8.1. A vida das clarissas como Irmãs

Creio que podemos aplicar a todas as Senhoras Pobres – as “Da-mianitas”, ou as mulheres franciscanas do tempo da Santa – tudo que ela escreveu para Inês de Praga. Parece claro que ela tenha procurado formar essa irmã longínqua no mesmo espírito que transmitia habitualmente às que moravam com ela. Então vamos ver nas Cartas a Inês alguns pontos que podemos identificar na formação das Irmãs-Esposas de São Damião e de outros mosteiros:

- 1). As clarissas são irmãs porque são Esposas;
- 2). Elas refletem umas para as outras o Cristo Espelho;
- 3). A *Forma de Vida* de Santa Clara é para esposas que são irmãs.

8.1.1. As clarissas são Irmãs porque são Esposas

“Portanto, irmã caríssima, ou melhor, senhora muito digna de veneração, porque sois esposa, mãe e irmã do meu Senhor Jesus Cristo, destacada pelo esplendor do estandarte da inviolável virgindade e da santíssima pobreza, ficai firme no santo serviço do pobre Crucificado, ao qual vos dedicastes com amor ardente” (1CtIn 12-13)... e merecestes ser chamada, com quase toda a dignidade, de irmã, esposa e mãe do Filho do Pai altíssimo e da gloriosa Virgem” (1CtIn 24).

Esses três relacionamentos são os mesmos apontados por São Francisco na *Carta a todos os Fiéis* quando fala da relação do fiel cristão com a Santíssima Trindade:

“E são esposos, irmãos e mães de nosso Senhor Jesus Cristo. Somos esposos, quando pelo Espírito Santo une-se a alma fiel a Jesus Cristo. Somos certamente irmãos, quando fazemos a vontade de seu Pai, que está no céu; mães, quando o levamos no coração e em nosso corpo pelo amor e a consciência pura e sincera; e o damos à luz pela santa operação, que deve iluminar os outros com o exemplo” (1CtFi 7-10).

Mesmo que Santa Clara tenha aprendido isso com Francisco, soube fazer suas essas palavras e as aplicou de diversas formas no trato com as Irmãs, na sua sensibilidade materna para com elas, dando um sentido maior ao ofício de abadessa, a partir dessa identidade esponsal que se sente no testemunho de seus Escritos.

Quando diz que Inês é mãe e irmã do Senhor Jesus, é evidente que está recordando a passagem do evangelho em que Jesus disse que eram “meu irmão, minha irmã e minha mãe... os que põem em prática a palavra de Deus” (Mt 12,50). Mas quando consideramos as três atribuições juntas não podemos deixar de pensar na “Forma de Vida” que Francisco tinha dado a Clara e a suas irmãs, onde recalca o relacionamento delas com cada Pessoa da Trindade.

Vejamos os principais textos nas Cartas de Santa Clara:

“Vossa recompensa será enorme nos céus, e merecestes ser chamada, com quase toda a dignidade, de irmã, esposa e mãe do Filho do Pai Altíssimo e da gloriosa Virgem” (1CtIn 23-24).

“Clara, humílima e indigna servidora de Cristo e serva das senhoras pobres, à reverendíssima senhora em Cristo, sua irmã Inês, a mais amável de todos os mortais, irmã do ilustre rei da Boêmia e, agora, irmã e esposa do sumo Rei dos céus” (3CtIn 1-2).

“À outra metade da minha alma, singular sacrário do meu cordial amor, à ilustre rainha, esposa do Cordeiro, Rei eterno, dona Inês, minha caríssima mãe e filha, especial entre todas as outras, eu, Clara, serva indigna de Cristo e inútil servidora das suas servas que vivem no mosteiro de São Damião em Assis, desejo saúde e que possa cantar o cântico novo diante do trono de Deus e do Cordeiro, juntamente com as outras santas virgens, e seguir o Cordeiro onde quer que ele vá” (4CtIn 1-3).

A *Legenda de Santa Clara* e o *Processo de Canonização* apresentam inúmeros exemplos de como Clara cuidava de suas Irmãs. E a *Bula de Canonização* diz que ela fazia isso justamente por ser esposa do Senhor:

“Alegre-se, então, a Mãe Igreja, que gerou e educou essa filha que, como progenitora fecunda de virtudes, produziu com seus exemplos muitas discípulas da religião, formando-as para o serviço perfeito de Cristo com perfeição. Alegre-se também a alegre multidão dos fiéis, porque o Rei e Senhor dos céus levou com glória para o seu alto e preclaro palácio a sua irmã e companheira, que Ele havia escolhido como esposa. Porque também as fileiras dos santos estão festejando juntas, pois, em suas habitações celestes, celebram-se as núpcias da noiva real” (cf. Fontes Clarianas pág. 276).

Clara é mãe como filha da Igreja; sua maternidade é imagem da Mãe Igreja, que é fecunda, nutre e protege, guia e ensina. É irmã para todos os crentes, companheira na vocação comum, companheira de viagem e apoio. Assim se indica a idéia da comunidade, da “solidariedade” e da suplência. É esposa do Senhor e, por isso, motivo de alegria, sinal irradiante de esperança para a humanidade.

Pela “Forma de Vida” de São Francisco, todas as Irmãs decidiram ser esposas do Espírito Santo. E todas são *filhas* do Pai Eterno. Portanto, irmãs. Se não fosse pelas Irmãs, “que Deus lhe deu”, Clara poderia ter sido uma eremita, mesmo em São Damião. Se não fosse pelas Irmãs, não seria necessária uma *Forma de Vida* original em tantos pontos.

8.1.2. Elas refletem umas para as outras o Cristo Esposo e Espelho

A vida em São Damião supunha um testemunho mútuo das Irmãs que viviam ali dentro, um testemunho que inflamasse umas às outras e a todos que pudessem conhecê-las:

“Pois o próprio Senhor colocou-nos não só como modelo, exemplo e espelho para os outros, mas também para nossas irmãs, que ele vai chamar para a nossa vocação, para que também elas sejam espelho e exemplo para os que vivem no mundo. Portanto, se o Senhor nos chamou as coisas tão elevadas que em nós possam espelhar-se as que deverão ser exemplo e espelho para os outros” (TestC 19-21).

Elas deviam ser um “espetáculo da santidade”. De fato, ser espelho é uma expressão freqüente na literatura mística da Idade Média, como pó-demos encontrar em São Bernardo, Guilherme de Saint-Thierry e nas místicas da “Brautmystik”. Nas *Cartas* e no *Testamento* de Santa Clara, as ocorrências são muitas. E, sempre, o espelho é Jesus:

“Ponha a mente no espelho da eternidade, coloque a alma no esplendor da glória” (3CtIn 12).

“Pois é o esplendor da glória eterna, o brilho da luz perpétua e o espelho sem mancha. “Olhe dentro desse espelho todos os dias, ó rainha, esposa de Jesus Cristo, e espelhe nele, sem cessar, o seu rosto” (4CtIn 14-15).

“Pois nesse espelho resplandecem a bem-aventurada pobreza, a santa humildade e a inefável caridade, como, nele inteiro, você vai poder contemplar... Preste a atenção no princípio do espelho: a pobreza daquele que, envolto em panos, foi colocado no presépio”. (4CtIn 18-19).

“No meio do espelho, considere a humildade, ou, pelo menos, a bem-aventurada pobreza, as fadigas sem conta e as penas que suportou pela redenção do gênero humano” (4CtIn 22).

“E, no fim desse mesmo espelho, contemple a caridade inefável com que quis padecer no lenho da cruz e nela morrer a morte mais vergonhosa; assim, posto na árvore da cruz, o próprio espelho advertia quem passava para o que deviam considerar” (4CtIn 23-24).

Podemos perguntar-nos: por que usavam tantas vezes a simbologia do espelho? Parece que era sempre para indicar algo profundo, que expressava alguma coisa além da realidade palpável. Era um sinal eficaz como um sacramento: tornava alguém presente melhor do que em uma fotografia: Cristo, Francisco, as Irmãs: todos eram sacramentos vivos em que Clara se espelhava ou para quem era espelho. E, como o espelho reflete, mostra não só a figura de outra pessoa, mas também a minha, abre-nos para uma infinita multiplicação da presença de Deus. E podemos encontrar em todos os espelhos o rosto do Esposo, de Cristo. E nele nos reconhece. Dando-nos conta de tudo que é semelhante, e de tudo que está precisando ser transformado.

8.1.3. A “Forma de Vida” é para Esposas que são Irmãs

Hugolino e Inocêncio IV deram a Clara e suas Irmãs uma “Forma de Vida” que era uma regra jurídica para “monjas”. As damianitas – e, certamente, a sua fundadora – nunca as aceitaram de boa vontade. A “Forma de Vida” de Santa Clara é muito diferente dessas regras e da posterior que foi imposta por Alexandre IV: ela faz uma proposta de vida a irmãs muito amadas que se descobriam e se encontravam no amor do único Esposo. Por sua experiência esponsal, Clara enxergava e criava na sua fraternidade de São Damião as “doçuras” e “delícias” que – segundo o seu testemunho – eram gozados pelas que amavam a Deus de verdade (cf. 3C11n 14).

Podemos perceber isso quando confrontamos alguns dos numerosos pontos em que, com muita sabedoria, Clara se afasta do que lhe tinham dado Hugolino e Inocêncio:

– dá mais responsabilidade às Irmãs – trata-as como adultas:

“Pelo menos uma vez por semana, a abadessa tenha que convocar suas Irmãs para um capítulo... E tratem aí, de acordo com todas as Irmãs, o que for necessário para a utilidade e o bem do mosteiro, porque muitas vezes o Senhor revela à menor o que é melhor” (RSC 4,15-18). “Se alguém, por inspiração divina, vier ter conosco querendo abraçar esta vida, a abadessa deverá pedir o consentimento de todas as Irmãs” (RSC 2,1). “Se algo for enviado a alguém por parentes ou por outros, faça a abadessa que isso lhe seja dado. Se tiver necessidade, ela mesma poderá usá-lo; se não, que o dê com caridade a uma Irmã que precise. Mas se lhe for mandado algum dinheiro, a abadessa, com o conselho das discretas, faça provê-la do que tiver necessidade” (RSC 8,9-11).

– Abre mais a clausura, admitindo possibilidades de saídas se houver:

“...um motivo útil, razoável, manifesto e aprovado” (RSC 2,13).

– Não impõe um hábito estrito, como faziam as Regras de Hugolino e Inocêncio IV. Limita-se a dizer:

“E, por amor do santíssimo e queridíssimo Menino deitado no presépio envolto em panos pobrezinhos (cf. Lc 2,7.12), e de sua santíssima Mãe, admoesto, peço e exorto minhas Irmãs a se vestirem sempre de roupas vis” (RSC 2,25).

– Deixa mais livre o silêncio, que devia ser total e perpétuo nas outras Regras, e chega a considerar casos em que as Irmãs possam falar com pessoas de fora:

“As Irmãs, com exceção das que servem fora do mosteiro, observem o silêncio desde a hora de Completas até a Terça. Calem-se também continuamente na igreja e no dormitório; no refeitório, só enquanto comem; com exceção da enfermaria, em que as Irmãs sempre podem falar discretamente para distrair as doentes e cuidar delas. Mas podem insinuar o que for necessário sempre e em toda parte, brevemente e em voz baixa... E isso só se faça muito raramente na grade, e de maneira nenhuma na porta. Por dentro dessa grade ponha-se um pano, que não será removido a não ser quando se prega a palavra de Deus ou quando alguma Irmã falar a alguém” (RSC 5, 1-4, 9-10).

Os testemunhos das Irmãs no Processo de Canonização comprovam essas liberdades. Da mesma forma, ela também não se importa com muitos detalhes disciplinares das Regras que tinham sido dadas pelos papas, como tudo que se referia aos clérigos que podiam entrar na clausura.

Essa atitude de mãe e irmã foi tão inefável quanto a sua vivência esponsal: não há palavras para expressar o afeto profundo, puro e verdadeiro, no que se refere ao Esposo Cristo ou no que

se refere às pessoas que se amam nele, como Clara descreve a Inês em um texto de “inefabilidade” (*cale-se a língua da carne*) depois de ter descrito em traços apaixonados e totalmente pessoais o que supõe o amor esponsal por Cristo:

“Que mais? No amor por você, cale-se a língua de carne, fale a língua do espírito. Filha bendita, como a língua do corpo não pode expressar melhor o afeto que tenho por você, peço que aceite com bondade e devoção isto que eu escrevi pela metade, olhando ao menos o carinho materno que me faz arder de caridade todos os dias por você e suas filhas” (4CtIn 35-37).

8.2. A contribuição das Irmãs-Esposas para a Ordem e para a Igreja

Clara contribuiu pessoalmente – e ainda contribui através de suas Irmãs – para a vida do mundo, da Igreja e de todo o movimento franciscano porque sua contemplação esponsal leva-as a se espelhar em Cristo Espelho de Deus até serem transformadas nele.

A partir daí se aproximam do homem concreto e da Igreja viva dando-lhes oportunidade de reconhecer a ternura e a bondade de Deus, um Deus Esposo, amante, doce e luminoso, para todas as amarguras e escuridões que pode haver nos membros desse grande corpo que representa a humanidade e a Igreja. A partir da Igreja, e em filial e real comunhão com ela, Clara foi *espelho e exemplo*, ícone vivo do que Deus quer de todos seus filhos.

O Cardeal Hugolino, que foi decididamente um homem de Igreja e chegou a ser papa, sentiu a força desse reflexo de Deus mesmo em uma Clara que ainda não tinha passado dos trinta anos de idade e, já quase octogenário escreveu-lhe:

“À caríssima irmã em Cristo e mãe de sua salvação, dona Clara, serva de Cristo, Hugolino, ostiense, indigno e pecador, recomenda-se em tudo que é e pode ser [...] Entrego-lhe minha alma e lhe recomendo meu espírito, para que, como Jesus entregou o espírito a seu Pai na cruz, você também responda por mim no dia do juízo, se não tiver sido solícita e atenta por minha salvação. Estou certo de que conseguirá do sumo Juiz tudo que pedir com insistência de tanta devoção e abundância de lágrimas”.

Mesmo depois de já ter assumido o papado e o nome de Gregório IX, sentindo a gravidade de seus problemas, voltou a encontrar em Clara e nas Irmãs consolo e apoio, vistos na missão intercessora da contemplação esponsal clariana:

“À diletta filha abadessa e à comunidade das monjas reclusas de São Damião de Assis... [...] como, no meio das numerosas amarguras e infinitas angústias que sem cessar nos afligem, vós sois nossa consolação [...] fareis com que Deus seja glorificado em vós e nos encheis de gozo, pois vos abraçamos com íntimo amor como filhas prediletas, ou melhor, se podemos dizê-lo, como senhoras, pois são esposas de nosso Senhor. Mas porque, como confiamos, vos fizestes um só espírito com Cristo, pedimos que em vossas orações, lembrando-se sempre de nós, eleveis as piedosas mãos ao céu, suplicando insistentemente que Aquele que sabe que nós, colocados no meio de tantos perigos, não podemos agüentar por nossa fragilidade, nos dê força por sua virtude, conceda-nos dar conta tão dignamente do ministério que nos confiou que redunde em glória para Ele, alegria para os anjos e salvação para os que foram confiados ao nosso governo”.

Pouco tempo depois, aos 18 de agosto de 1228, fez com que o Cardeal Reinaldo de Segni, seu sobrinho, enviasse uma carta circular para comunicar a nomeação de um novo visitador e assistente das damianitas, Frei Filipe Longo. Chamamos a atenção para este texto:

“Ele (Deus) fez seu vigário na terra aquele que era vosso pai e senhor, cujo amor por vós não sofre o desgaste da diminuição, pois consegue crescer todos os dias. De fato foi oportuno e conveniente que o Vigário de Cristo Esposo, pastor e bispo do rebanho universal do Senhor, também se ligasse por amor perpétuo às adolescentes em cujo amor castíssimo apóia-se o Esposo”.

Por muitos, São Francisco é considerado um grande reformador e reju-venescedor do mundo e da Igreja. Mas podemos dizer que todo o seu exemplar Movimento Franciscano começou justamente com essas senhoras de São Damião, como escreveu Clara em seu Testamento:

“Pois, quando o santo, logo depois de sua conversão, sem ter ainda irmãos ou companheiros, estava construindo a igreja de São Damião, em que foi visitado plenamente pela graça divina, e foi

impelido a abandonar totalmente o mundo, numa grande alegria e iluminação do Espírito Santo, profetizou a nosso respeito aquilo que o Senhor veio a cumprir mais tarde. Pois, nessa ocasião, subindo ao muro da igreja, ele disse em voz alta e em francês para uns pobres que moravam ali perto: Venham me ajudar na obra do mosteiro de São Damião, porque nele ainda haverão de morar umas senhoras cuja vida famosa e santo comportamento vão glorificar nosso Pai celestial em toda a sua santa Igreja” (TestC 9-14).

Clara ensina Inês e todas as Irmãs a serem esposas. A esposa é espelho de Jesus. A esposa contempla Jesus. São esposas-irmãs que precisam se comunicar porque vivem o mesmo Esposo. Cabe às Clarissas de hoje, a todas as numerosas Irmãs Franciscanas da TOR – e a todo o Movimento Franciscano – manter atualizado esse serviço à Igreja e ao mundo. De maneira especial, cabe a elas ajudar os homens do movimento franciscano a entenderem essa dimensão de um amor pessoal pelo Cristo pessoa.

8.3. A clausura das Irmãs de Santa Clara

As clarissas são as franciscanas de clausura. As clarissas atuais até fazem voto de clausura. Observo que a palavra clausura é da raiz do verbo “claudo” = fechar, aparentada com a palavra chave (em latim clavis). Em latim, é um particípio futuro, significando um lugar que vai ser fechado. Outra palavra aparentada é claustro, que lembra mais um ambiente fechado. As Regras de São Bento, de Hugolino e de Inocêncio IV, bem como a de Santa Clara, não usam a palavra clausura. Nas FONTES CLARIANAS só a encontramos na procuração dada por Clara e as Irmãs para vender um terreno, que é chamado de clausura, palavra que indicava que ainda não tinham feito nenhuma cerca. Clara só usa a palavra claustro para lembrar que Nossa Senhora recebeu Jesus no “claustro do seu santo seio” (3CtIn 19).

Em nossos dias, estamos encontrando sérias críticas à clausura das clarissas, mesmo por parte de franciscanos e franciscanas. Há quem diga que esse tipo de vida não tem mais sentido e também quem o atribua ao machismo da Igreja, que sempre teria demonstrado desconfiança em relação às mulheres religiosas. Muita gente diz que Santa Clara ficou na clausura por imposição, uma vez que no tempo dela não se entendia outro tipo de vida religiosa para as mulheres.

É certo que se podem citar alguns fatos históricos para corroborar algumas dessas afirmações, mas há muito preconceito. Não é possível fazer generalizações.

Não vamos tratar extensamente desse assunto aqui, porque estamos estudando apenas a espiritualidade de Santa Clara. Vou apresentar sucintamente a visão de dois autores atuais dos mais abalizados. E concluir com a minha visão sobre a clausura das clarissas dentro da sua espiritualidade própria.

Uma primeira visão muito bem fundamentada é a da estudiosa CLARA AUGUSTA LAINATI, da ordem das clarissas. Para ela, a clausura é uma expressão do mistério pascoal, é uma kénosis para uma comunhão: uma morte para uma vida. É fundamental um artigo que ela publicou na revista das clarissas *Forma Sororum* em 1983².

Ela começa afirmando que a clausura das clarissas não é um meio para aprofundar a contemplação, pois existem muitos outros meios eficazes para isso. Para ela, a clausura é um modo típico de Santa Clara para aprofundar a kénosis (o esvaziamento, cf. Fl 3,5ss) do Senhor Jesus Cristo. Ela vê um valor na clausura que limita a pessoa no espaço, empobrece suas possibilidades de ação e movimentação para mergulhar no “vazio” da criatura com o Cristo crucificado, com o Cristo que fica sozinho na montanha mas aberto para a contemplação do Pai. Cita São Francisco na sua Regra para os Eremitérios, onde diz: “No claustro onde moram não permitam que entre nenhuma pessoa (REr 7).

² La Clausura: non “mezzo di contemplazione”, ma modo tipico delle Clarisse di esprimere il mistero pasquale. Una kénosi per una comunione: una morte per una vita, en *Forma Sororum* 20 (1983) pp. 201-203.

Outra visão muito importante é a do estudioso franciscano Jesús SANZ MONTES, autor de diversas obras fundamentais sobre Santa Clara e as clarissas³.

Para ele, Santa Clara encontrou na clausura de São Damião o “lugar carismático” para sua opção do seguimento esponsal de Cristo.

Ele lembra que nem toda vida contemplativa exige a clausura, nem toda clausura expressa e desenvolve a vida contemplativa, mas pode haver uma forma de existência cristã em que, por vocação carismática, por *divina inspiração*, unam-se as duas realidades. Lembra também que o próprio São Francisco deu um primeiro passo para a clausura de Clara fundamentado na sua opção pelo Esposo:

“...e como se a serva humilde tivesse desposado Cristo diante do leito nupcial dessa Virgem, São Francisco mudou-a imediatamente para a igreja de São Paulo, para que ficasse lá até que o Altíssimo dispusesse outra coisa” (LSC 8).

Santa Clara escolheria um caminho que implicava ser monástico, claustral e franciscano, correspondentes à sua vocação para a fraternidade, a contemplação e a pobreza. A genialidade de Clara está justamente em sua capacidade de ter unido as duas figuras de Marta e Maria, vivendo sua vocação claustral aberta ao mundo e ao serviço dos pobres. Sobre a escolha de vida claustral como modalidade de serviço à Igreja, Clara estava em sintonia com Francisco e Hugolino.

No *hortus conclusus*, na *cella vinaria*, do São Damião de Clara de Assis, desenvolveu-se essa história de seguimento esponsal de Jesus Cristo, como um espaço que representava o *locus charismaticus* de sua vocação eclesial, em uma progressiva identificação kenótico-pascoal com Cristo Esposo. Definitivamente, Ele é o grande “Tu” por quem Clara iniciou todos os seus êxodos, por quem fez todas as suas opções e por quem pacientemente aguardou todas as suas esperas, para que fosse brotando uma *forma vitae* que harmonizava todos esses fatores já indicados, e que faziam de seu caminho uma *novitas* capaz de catalizar aquele dilatado movimento feminino que se reconheceu no carisma de Francisco de Assis.

Para concluir, proponho que essas abalizadas opiniões desse dois autores sejam lidas à luz do que falamos sobre a vida de Clara e suas Irmãs no não-lugar e no não-tempo. Creio que de fato, a opção das clarissas pela clausura tem uma luz própria, diferente da “clausura” das “contemplativas”. Elas estão no seu lugar de esposas de Cristo que se descobrem como irmãs.

³ Proponho que se leia especialmente o livro “*Illum totaliter diligas – La simbología esponsal como clave hermenéutica del carisma de Santa Clara de Asís*, Roma 2000.